

Processos derivacionais que envolvem o sufixo *-al* em português

Iovka Bojílova Tchobánova

Doutoranda na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

1. Introdução

O objectivo deste trabalho é estudar os processos derivacionais que envolvem o sufixo *-al* e formular a(s) regra(s) de construção de palavras (RCPs) que permite(m) explicitar a formação das unidades lexicais, terminadas em *-al*.

Como é corrente em morfologia derivacional a base para constituir o corpus são os dicionários, nomeadamente o *Dicionário da Língua Portuguesa (DLP)*, 8a edição (1998), Almeida Costa, J. e Sampaio e Melo, Porto, Porto Editora e o *Dicionário Electrónico da Língua Portuguesa* da Porto Editora e Priberam Informática, 1996.

O modelo teórico utilizado neste trabalho é o de morfologia derivacional, associativo e estratificado, apresentado em Corbin (1987 e 1991), com múltiplos reajustamentos, expostos em artigos posteriores (cf. bibliografia).

Foram, ainda, utilizados diversos trabalhos inspirados neste modelo e aplicados ao português, tais como os estudos de M. Correia e de G. M. Rio-Torto (cf. bibliografia). Utilizando as palavras desta última autora, os pressupostos fundamentais do modelo podem resumir-se da forma seguinte:

a. A formação de palavras envolve não só a existência de entidades, sejam bases ou afixos, mas também a de processos genolexicais, organizados paradigmaticamente;

b. A definição de cada um dos paradigmas genolexicais esteia-se em coordenadas de ordem semântica, categorial e morfológica. Cada paradigma derivacional, ainda que possa ser servido por um conjunto mais ou menos vasto de operadores afixais, assenta se não numa só relação categorial, pelo menos numa relação semântica que se pretende invariante e unívoca.

1.1 Formas do sufixo

No seguimento de J. Piel (1940: 36-37) consideramos que *-al* e *-ar* são formas alomórficas do mesmo sufixo, visto que ainda no latim o sufixo *-ale* podia adoptar a forma dissimilada *-are*, quando a palavra do radical possuía um *-l-*, por exemplo *tal-are*, de *talus* (em português *lugar*, *vilar*, *lagar*, etc.). Nalguns casos *-ar* é simplesmente analógico a tais formas, por exemplo em *pomar*, *Poiares*, etc. Na

variante brasileira do português, conforme o NDLP, as duas formas podem alternar: *elemental, elementar; familial, familiar*. O mesmo acontece no português europeu *alvanhal* → *alvanhar*, *patamal* → *patamar*, *palmeiral* → *palmar*.

1.2 Dimensão do corpus global. Delimitação do corpus a analisar

No DLP, há 1566 unidades lexicais que terminam em *-al*, mas apenas 900 são construídas no português. As restantes unidades são latinismos (391 palavras), empréstimos de outras línguas (68), produto de prefixação ou composição (114), produto de amálgama (8), palavras de origem obscura ou cuja etimologia não está indicada (34) e outros (24). Elas perfazem 664 unidades, 42.4%, ou seja, quase a metade das palavras em *-al* e ficam fora do alcance da análise por não responderem às hipóteses de trabalho.

Depois de eliminadas todas as unidades lexicais que não correspondem às nossas hipóteses de trabalho ficam 1080 palavras sufixadas em *-al* por analisar.

2. Regras de Construção das Palavras sufixadas em *-al*

2.1 Categoria sintáctica da base e dos derivados em *-al*

Antes de proceder à classificação das bases foram descartadas também as bases não vernáculas, ou seja, aquelas que provêm do latim (134) ou do grego (17): *acetal, aluvial, avenal, axial, cadernal, cendal, hominal, pictural, populacional, tortual, etc; atermal, hepatal, marsupial, neural, podal, proctal, sinclinal, termal, etc.*

Categoria sintáctica da base dos derivados em *-al*

Categ. Sint. da base	Nº	%	Exemplos
N	682	93.8	<i>abelhal, aguaçal, algodoal, areal, bambual, cafezal, centeal, conselheiral, ervedal, espinheiral, instrumental, lamaçal, matagal, milheiral, olmedal, palmeiral, panal, papal, pinheiral, portal, professoral, residencial, saial, seixal, vidral, etc.</i>
A	39	5.4	<i>angelical, brançal, brandal, celestial, centesimal, decagonal, decimal, fraternal, frescal, fundal, humanal, longal, machial, maioral, mutual, negral, pardal, etc.</i>
V	6	0.8	<i>estendal, firmal, passal, sarrafaçal, tremedal, trincal</i>
Total	727	100	

A tabela ilustra que o sufixo se combina exclusivamente com bases nominais (682 exemplos), apesar de existir um pequeno grupo de bases adjectivais (39) ou verbais (6).

No que diz respeito à estrutura morfológica das bases que selecciona o sufixo *-al*, além das bases simples, destacam-se vários grupos de bases derivadas, designadamente em:

- *aço*: *aguaçal, bagaçal, lamaçal, lodaçal, etc.*;
- *edo*: *ervedal, olmedal*;
- *eiro(a)*: *conselheiral, palmeiral, pereiral, pinheiral, regateiral, sapateiral, sopeiral, etc.*;
- *(d)or*: *eleitoral, preceptoral, profe ssoral, protectoral, provedoral, regedoral, etc.*;
- *ência*: *demencial, preferencial, presidencial, providencial, prudencial, etc.*;
- *óide*: *cicloidal, conoidal, esteroidal, glenoidal, helicoidal, romboidal, etc.*;
- *ura*: *apicultural, cultural, escultural, estrutural, pintural, postural, sutural, etc.*

Em alguns casos entre a base e o sufixo aparecem consoantes de ligação como *-z-*, *-g-* e outras: *bambuzal, seixagal, etc.* J. Mattoso Câmara Jr. (1979: 220) explica a presença da primeira das consoantes citadas da maneira seguinte: "Há uma variante *-ZAL*, deduzida de um radical em *-z* (*arrozal*, de *arroz*), que é essencialmente empregada para radicais com vogal tónica (*cafezal*, de *café*)".

No que diz respeito à categoria sintáctica dos derivados em *-al*, interessa-nos saber em que proporção estão os adjetivos e os nomes sufixados em *-al*. No *Dicionário Inverso do Português*, num total de 1744 unidades lexicais que terminam em *-al*, 1036 são registadas como adjetivos, 512 como substantivos e as restantes (190) simultaneamente como substantivos e adjetivos, ou seja, a proporção entre adjetivos e substantivos é 2: 1. No nosso caso, interessam-nos só as palavras construídas e os resultados da análise mostram que a quantidade dos adjetivos sufixados em *-al* é quase igual à quantidade dos substantivos.

Categoria sintáctica dos derivados em -al

Categoria sint. do derivado em -al	Nº	%	Exemplos
A	351	47.3	<i>baronial, demencial, escultural, estrutural, preferencial, professoral, quaresmal, romboidal, etc.</i>
N	338	45.6	<i>alhaal, arrozal, algodoal, batatal, cebolhal, mangueiral, limoeiral, lodaçal, pinheiral, telhal, vitral, etc.</i>
A/N	53	7.1	<i>instrumental, repoulhal, sabugal, silveiral, tabacal, etc.</i>
Total	742	100	

Sabe-se que o sufixo *-al* construía originariamente adjectivos. Em relação à evolução, desde os produtos adjectivais para os nominais, Manuel de S. Ali (1964: 236) aponta o seguinte: “Com as terminações *-alis, -aris* tirou o latim de substantivos numerosos adjectivos. [...] A maior parte destes vocábulos usaram-se sempre como os adjectivos em geral; alguns, a par da função de adjectivos, desenvolveram o sentido e a função de nomes comuns, sendo aplicados para denominar certas pessoas e cousas (*capital, pessoal, oficial, etc.*); outros finalmente, tomando o lugar dos substantivos cujo sentido especificavam, transformaram-se em verdadeiros nomes comuns. Perdida a noção da função primitiva, tornou-se possível crear, por analogia dos vocábulos deste último tipo, outros substantivos directamente sem passar pela fase intermediária de qualificativos.”

2.2 Valores semânticos dos produtos nominais em -al**2.2.1 Valor locativo-colectivo (240 ocorrências)**

Para analisar os valores semânticos dos 338 nomes construídos em *-al* e dos 53 duplamente classificados como A/N, estudam-se as suas definições lexicográficas onde se destacam vários tipos de paráfrase. Analisando palavras como *arrozal, mangal, pinhal, funchal, etc.*, observa-se que a maior parte delas têm como descritor inicial as seguintes palavras: terreno (50 vezes), campo (32), mata (28), plantação (28), lugar (20), sítio (11), pomar (10), etc. Os descritores iniciais apontam para o valor locativo, mas são seguidos pelas construções “onde há/ crescem/ abundam grande quantidade de (grande número de/ muitos) Nb”. Sabemos que as paráfrases que caracterizam os nomes colectivos são “(grande) quantidade/ número / conjunto, multidão de Nb”. Os elementos predominantes nas duas partes da definição permitem extrair a paráfrase geral “lugar onde existe grande quantidade de Nb” em que são relevantes tanto o elemento locativo como o colectivo. Estamos na presença de um caso interessante de intersecção entre o valor locativo e o valor colectivo e não é fácil decidir-se por um deles. Aqui é o lugar para recordar a definição dos nomes locativos e dos nomes colectivos.

G. M. Rio-Torto (1998: 179) toma a categoria de locativo em sentido amplo, por forma a poder incorporar não apenas designadores de lugares ou de espaços onde se albergam ou permanecem determinados indivíduos, mas também designadores de objectos habitualmente adscritos a (ou colocados em) determinados espaços, ou que servem de locais/ de receptáculo a várias matérias.

S. Aliquot-Suengas (1996) define os nomes colectivos como nomes denominais que designam um conjunto (discreto ou massivo) de *n* entidades do mesmo género e cuja referência colectiva corresponde directamente ao seu significado construído sem ser atribuível à sua base. A relação entre o referente da base e o referente do derivado é do tipo parte/todo.

A consulta das gramáticas, de alguns trabalhos sobre formação de palavras e dos dicionários¹ mostra que há oscilação nas opiniões acerca do significado destes produtos. Manuel de S. Ali (1964: 236) fala de "... palavras em *-al* que se derivam de nomes de vegetais e com que se designa o conjunto de plantas da mesma espécie que cobrem certa extensão de terreno: *bananal, feijoyal, cafezal, pinhal, faial ...*". J. Piel (1940) estuda *-al* juntamente com os outros sufixos que formam nomes de lugares e de instrumentos em português. Nos primeiros trabalhos de G. M. Rio-Torto, *-al* aparece entre os operadores morfológicos ao serviço da RCP de quantidade (QUANT), mais tarde os seus derivados são incluídos nos locativos não-deverbais (1989, 1994, 1998). No seu estudo sobre a denominação dos conjuntos em português, M. Correia (1999) também inclui o sufixo *-al* entre os sufixos que formam nomes colectivos.

Estas opiniões, assim como os dados do corpus, fazem-nos afirmar que quando a base é um nome [+CONTÁVEL] o significado básico dos derivados em estudo é o locativo-colectivo – as duas significações não derivam uma da outra mas são geradas simultaneamente.

Estudando a semântica das bases, chama a atenção o facto de em mais de 240 casos o nome da base (Nb) designar uma planta – uma árvore, um arbusto, um vegetal, um cereal, etc. Este é o grupo mais característico e quantitativamente o mais importante. Parece que o sufixo *-al* se tem especializado na formação de derivados de culturas vegetais. J. Piel (1940) regista que, no passado, o sufixo *-edo* (ETUM) tinha esta mesma função, mas com o tempo foi suplantado por *-al*.

No corpus, alguns derivados apresentam duas formas: *rosal – roseiral, pinhal – pinheiral, peral – pereiral*. À primeira vista parece que como base pode servir

¹ *Novo Aurélio. O Dicionário da Língua Portuguesa. Século XXI*: "Δ *-al*. [Do lat. *-ale*.] **Suf. nom.** = 'relação', 'pertinência'; 'coleção', 'quantidade'; 'cultura de vegetais': *vaginal; pantanal, tijucal; arrozal, bananal*."

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Verbo, sob a direcção de João Malaca Casteleiro, 2001: "–**al**. *Elem. de form.* (Do lat. *–ālis, –āle*). Exprime as noções de 1. *Lugar de cultivo. Arrozal, laranjal, batatal*. 2. *Lugar em que há grande concentração. Areal, pombal, choupal*. 3. *Relação. Estadual, frontal, baptismal, senhorial*."; *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Cândido Figueiredo, Dicionários Bertrand, 25ª edição, 1996: "...**al**, 1. *suf.* Indicativo da cultura de vegetais, quantidade ou noção colectiva: *arrozal, nabal, areal*. 2. [Do suf. lat. *...ālis*.] *suf.* Designativo de semelhança, relação ou causa: *dedal, legal, verbal*."

tanto o nome do fruto ou da flor como o nome da planta. A definição remete só para a planta, o que indica que na presença do sufixo *-al*, o sufixo da base sofre, facultativamente, a truncção:

- morangal** *s.m.* terreno plantado de morangueiras
peral *s.m.* pomar de pereiras ou de pereiros
pinhal *s.m.* terreno onde crescem pinheiros; pinheiral

2.2.2 Valor colectivo (17 ocorrências)

O grupo dos nomes colectivos, propriamente dito, é muito pouco numeroso; são substantivos cujas definições contêm o descriptor “conjunto de”, seguido de um nome discreto e no plural:

- abelhal** *s. m.* enxame de abelhas (De *abelha* + *-al*)
bagaçal *s.m.* quantidade de bagos caídos e pisados (De *bagaço* + *-al*)
cascal *s. m.* montão de cascas; restos de cozinha; casta de uva (De *casca* + *-al*)
parreiral *s. m.* lugar onde há parreiras; conjunto de parreiras (De *parreira* + *-al*)
santoral *s.m.* livro de panegíricos, hinos e vidas de santos (De *santo* + *-al*)
sequencial *s.m.* livro de sequências (De *sequência* + *-al*)
vidral *s.m.* o m.q. vitral (De *vidro* + *-al*)

Com valor colectivo aparecem também palavras como *consistorial* “antiga congregação da Cúria Romana que tratava da criação e supressão das dioceses, nomeação dos bispos, etc. (De *consistório* + *-al*)” e *enxameal* “colmeal (De *enxame* + *-al*)”, etc. mas, neste caso a significação colectiva é atribuível à base.

Têm um valor marcadamente colectivo uma série de latinismos, mas estes lexemas ficaram excluídos por não serem criações vernáculas:

- casal** *s.m.* conjunto de macho e fêmea; marido e mulher; pequeno povoado; lugarejo (Do lat. *casãle-*, “quinta; fazenda”)
memorial *s.m.* livrinho de lembranças (Do lat. *memoriãle-*, “que ajuda a memória”)
missal *s.m.* livro que contém as orações próprias das missas e festas religiosas (...) (Do lat. ecl. *missãle-*, “id.”)
peçoal *s.m.* conjunto de pessoas que trabalham num serviço ou num estabelecimento (Do lat. *personãle*, “id.”)
tribunal *s.m.* conjunto dos magistrados que administram a justiça (Do lat. *tribunãle-*, “id.”)

Também é latinismo a palavra *total*, como bem indica a sua definição, mas a sua referência não está definida, ou seja, não estão especificados os constituintes do

conjunto [total *s.m.* soma; totalidade; conjunto (Do lat. *totāle*, de *totu-*, “todo”, pelo fr. *total*, “id.”)].

Exceptuando estes casos o resto dos exemplos adscrive-se a RCP QUANT que constrói nomes de quantidade ou colectivos, parafraseáveis por “conjunto de/(grande) quantidade de/série de/ multidão de/ grupo de/agrupamento de/colecção de/reunião de Nb”. As bases seleccionadas por *-al* têm, geralmente, o traço [+CONCRETO].

A análise das suas bases evidencia uma grande heterogeneidade – há bases que são nomes de plantas ou partes delas (cf. *parreira*, *bagaçal*), de animais (cf. *abelha*), outras denominam objectos fabricados pelo homem (cf. *instrumental*, *cadeiral*, *silhal*, *vidral*), nomes abstractos (cf. *factos históricos*), etc. Devido à extraordinária variedade semântica das bases, a que se junta o sufixo *-al*, consideramos estes derivados colectivos como residuais, ou seja, neles não se observam regularidades sistémicas.

2.2.3 Valor locativo (34 ocorrências)

Além das bases com o traço [+VEGETAL], podem aparecer bases com os seguintes traços semânticos:

[+ANIMAL]: *formigal*, *grual*, *pombal*, *sapal*, *toiral*, etc;

[+MATÉRIA/MATERIAL/OBJECTO NATURAL]: *areal*, *aguaçal*, *almagral*, *estrupal*, *lamaçal*, *lodaçal*, *gessal*, *lanchal*, *pedregal*, *penhascal*, *salitral*, *seixal*, etc.;

[+ARTEFACTO] (objecto fabricado pelo homem): *bandeiral*, *castiçal*, *cirial*, *ferramental*, *instrumental*, *taipal*, *telhal*, *tendal*, *vitral*, etc.;

[+LUGAR ou ACIDENTE GEOGRÁFICO]: *barrançal* ‘sítio cortado por muitos barrancos’, *brejal* ‘conjunto de brejos’, *coval*, *lameiral* ‘série de lameiros’.

O peso relativo dos derivados destes quatro grupos, que classificamos só como locativos, é insignificante; pode considerar-se que por analogia à selecção de nomes de plantas o sufixo começou a combinar-se com outros nomes, dando origem a derivados que designam:

- lugares rochosos e pedregosos: *areal*, *pedregal*, *penhascal*, *seixal*;
- lugares pantanosos: *aguaçal*, *lamaçal*, *lameiral*, *lodaçal*;
- lugares com minerais: *almagral*, *gessal*, *salitral*;

- lugar com determinados acidentes geográficos: *brejal, lameiral, barrancal*;
- lugar para determinada actividade humana: *telhal*;
- lugar (objecto) recipiente: *castiçal, cirial, ferramental, sequencial, varal*;
- lugar para guardar animais: *pombal, toural*, etc.

Nos derivados citados é mais relevante o traço [+LOCATIVO]. Em outros há um equilíbrio entre o valor locativo e o colectivo ou predomina o traço [+COLECTIVO]:

- colmeal** *s.m.* lugar onde estão as colmeias; conjunto de colmeias (De *colmeia* + *-al*)
parreiral *s.m.* lugar onde há parreiras; conjunto de parreiras (De *parreira* + *-al*)
silhal *s.m.* conjunto de silhas; lugar onde estão as silhas (De *silha* + *-al*).

Consideramos que derivados do tipo *formigal, grual, pombal, toiral*, etc. que designam lugares onde se guardam animais, por metonímia, passam a denominar também o conjunto dos animais que ali se encontram.

O resto dos substantivos em *-al* apresentam valores cuja heterogeneidade semântica é ainda maior. Por esta razão apenas os vamos enumerar, indicando o número de ocorrências no DLP, que, em geral, é insignificante:

2.2.4 Valor instrumental (5 ocorrências):

- barbal** *s.m.* rede para a pesca do barbo, no rio Douro (De *barbo* + *-al*)
cirial *s.m.* (...) tocheira para o círio (De *círio* + *-al*)
cornal *s.m.* (reg.) correia para prender os cornos do boi ao jugo (De *cornos* + *-al*)
dedal *s.m.* utensílio que se mete no dedo médio para empurrar a agulha, quando se cose
vergal *s.m.* correia que prende os animais ao carro (De *verga* + *-al*)

2.2.5 Valor aumentativo (4 ocorrências)

- lameiral** *s.m.* lameiro grande; série de lameiros (De *lameiro* + *-al*)
panal *s.m.* pano grande onde se estende ou embrulha alguma coisa (De *pano* + *-al*)
pantanal *s.m.* grande pântano; atoleiro (De *pântano* + *-al*)
portal *s.m.* porta principal de um edifício; portada (De *porta* + *-al*)

2.2.6 Valor hiponímico (10 ocorrências)

- dental** *s.m.* (...) dente de arado (De *dente* + *-al*)
machial *s.m.* terreno inculto destinado a pastagens; montado (De *machio* + *-al*)
cabanal *s.m.* (reg.) tipo de cabana; alpendre coberto de telha, junto às eiras, para guardar lenha e alfaias agrícolas; abrigo permanente (...) (De *cabana* + *-al*)

pontal *s.m.* (...) ponta de terra ou penedia que entra um tanto pelo mar ou pelo rio; **pontaleta** (De *ponta* + *-al*)

2.2.7 *Objecto concreto* (6 ocorrências)

bocal *s.m.* (...) embocadura de instrumento musical (De *boca* + *-al*)

cabeçal *s.m.* (ant.) almofada para recostar a cabeça (De *cabeça* + *-al*)

cornal *s.m.* (reg.) correia para prender os cornos do boi ao jugo (De *cornu* + *-al*)

crismal *s.m.* pano de linho usado no crisma (De *crisma* + *-al*)

gorjal *s.m.* (...) antigo adorno do pescoço; **gorjeira** (De *gorja* + *-al*)

2.2.8 *Valor relacional* (20 ocorrências)

vertical *s.f.* linha vertical

postal *s.m.* bilhete postal

bienal *s.f.* exposição (geralmente de arte) que se realiza de dois em dois anos

referencial *s.m.* sistema de referências (De *referência* + *-al*)

sequencial *s.m.* livro que contém as sequências (De *sequência* + *-al*)

barbal *s.m.* rede para a pesca do barbo, no Douro (De *barbo* + *-al*)

bancal *s.m.* pano para cobrir bancos ou mesas (...) (De *banco* + *-al*)

bragal *s.m.* tecido grosseiro de que se faziam as bragas (De *braga* + *-al*)

censual (...) *s.m.* registo dos censos (...)

Chamamos aos nomes deste grupo, nomes de relação, porque a sua definição nos dicionários mostra que primeiro foram adjectivos, que especificavam um nome rector, que, com o evoluir da língua, se perdeu e os antigos adjectivos o substituíram:

Estes nomes são a chave para explicar a heterogeneidade dos nomes sufixados em *-al*. A explicação reside na origem deste sufixo (trata-se de um sufixo que originariamente formava adjectivos denominais, que tinham um significado vago parafraseável por “em relação com o Nb”, que era concretizado em função da semântica da base (J. Piel 1940: 37; G. M. Rio-Torto 1989: 874). Apoiando esta afirmação citamos J. Piel (1940: 37): “Em muitos casos *-al* não tem um significado bem definido, exprimindo qualquer variação da idéia primitiva, o que o seu carácter de adjectivo facilmente explica. Predomina contudo a noção local-colectiva (...)”.

Os valores semânticos dos produtos nominais sufixados em *-al* podem ser resumidos na seguinte tabela, com base no número de ocorrências no DLP:

Valores semânticos dos derivados nominais sufixados em -al

Valor semântico dos derivados nominais em -al	Nº de ocorrências	%
Valor locativo-colectivo	240	61.4
Valor colectivo	17	8.7
Valor locativo	34	4.4
Valor instrumental	5	1.3
Valor aumentativo	4	1.0
Valor hiponímico	10	2.6
Objecto concreto	6	1.5
Valor relacional	20	5.1
Outros valores	55	14.0
Total	391	100

3. Conclusões

- As formas *-al* e *-ar* representam variantes holomórficas do mesmo sufixo com clara predominância da primeira forma. A causa da alternância de *-al* e *-ar* é hitórica – ainda no latim se utilizavam as duas formas em dependência da presença de *-l-* ou *-r-* na base primitiva.
- O sufixo *-al* caracteriza-se por uma grande produtividade, sendo que no DLP aparecem registadas 1566 unidades lexicais que terminam em *-al*, muitas das quais remontam directamente ao latim ou são empréstimos de outras línguas. As unidades lexicais construídas em português, são registadas no dicionário como adjectivos (351 casos), como nomes (338 casos) ou duplamente classificadas – como adjectivos e como nomes (53 casos).
- O sufixo combina-se, fundamentalmente, com bases nominais (682 casos); existe também um pequeno grupo que selecciona bases adjectivais (39 casos) ou verbais (6 casos). As bases a que se acrescenta o sufixo, geralmente, são simples mas aparecem também bases derivadas sufixadas em *-aça*, *-dor*, *-ência*, *-eiro (a)*, *-óide*, etc.
- Os derivados nominais sufixados em *-al* são o exemplo mais representativo da intersecção entre a noção de colectivo e a noção de locativo. A análise das definições lexicográficas destes nomes permite observar a presença tanto de descritores locativos (*terreno*, *campo*, *plantação*, *sítio*, *lugar*, *semeado*, *plantado*, *cheio*, *povoado* de Nb) como de descritores colectivos (*conjunto*, *série*, *grande quantidade/ número* de Nb.).

Em dependência do equilíbrio dos traços semânticos + locativo e +colectivo ou do predomínio dum deles distinguem-se três classes de produtos denominais em *-al*:

- nomes simultaneamente locativos e colectivos cuja base é um nome contável que designa uma planta;

- nomes predominantemente locativos que têm uma base com o traço -contável ou uma base que designa um acidente geográfico, ou seja, a base também é um locativo;
- nomes predominantemente colectivos.

A primeira classe é, de longe, a mais numerosa – trata-se de substantivos que designam “conjuntos de plantas ou árvores agrupados num espaço de forma natural, formando bosques ou plantações, ou de forma artificial (mediante a intervenção humana), formando campos de culturas. Neste grupo de produtos o traço locativo e o traço colectivo têm o mesmo peso ou a mesma importância.

A segunda classe é consideravelmente menos numerosa; trata-se nomes que designam lugares onde abundam certos minerais ou matérias não contáveis e em que o traço locativo é mais relevante. À mesma classe pertencem os nomes que designam uma sucessão de acidentes geográficos, ou seja, o nome da base também designa um lugar.

A terceira classe de nomes caracterizam-se pelo predomínio do traço semântico + colectivo.

Além dos nomes com significado locativo ou colectivo podemos resumir que o sufixo *-al* serve para produzir também nomes com valor instrumental, aumentativo, hiponímico, referencial ou de outro tipo. A heterogeneidade nos valores dos derivados em *-al* explica-se com a origem deste sufixo que, primeiro, formava adjetivos com significado relacional. Apesar desta multiplicidade de valores dos nomes consideramos que este sufixo se especializou na função locativa-colectiva, designando lugares onde abundam árvores, arbustos ou plantas.

- Os sufixos concorrentes de *-al* mais frequentes são *-edo* e *-eiro (a)* que se caracterizam por menor rentabilidade.
- O sufixo *-al* é extraordinariamente produtivo no campo léxico dos conjuntos de árvores, arbustos ou outras plantas e dos lugares onde eles crescem.

Bibliografia

- ALI, M. de Said (1964), *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 3a edição melhorada e aumentada, São Paulo, Edições Melhoramentos.
- ALIQUOT-SUENGAS, S. (1996) *Référence collective/Sens collectif. La Notion de collectif à travers les noms suffixés du lexique français*, Thèse de doctorat, Université de Lille III.
- BOSQUE, I. (1985) *Classes de nombres comunes*. In: *Serta Philológica F. Lázaro Carreter*. T. 1, Madrid, Cátedra, pág. 75-88.
- BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (1999) *Gramática descriptiva de la lengua española*. 1. *Sintaxis básica de las palabras*. Madrid, Espasa-Calpe.
- CABRÉ, T.; SOLÉ, E. (2001) *De la noción de colectivo y la noción de locativo*. In: VEIGA, A.; GONZÁLEZ PEREIRA, M.; SOUTO GÓMEZ, M. (ed.) *De lenguas y lenguajes*. Coruña, Editorial Toxosoutos, pág. 201-211.

- COMBETTES, B. & TOMASSONE, R. (1971) *La formation des collectifs de végétaux en langue d'oc d'après les noms de lieux*. In: *Cahiers de lexicologie*, vol. XVIII, 1971 -I, pág. 109-128.
- CORBIN, D. (1987) *Morphologie derivationnelle et structuration du lexique*, 2 vol., Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- CORBIN, D. (1991) *Introduction. La formation des mots: structures et interpretations*. In: *Lexique*, vol. 10.
- CORREIA, M. (1999) *Para o estudo da denominação dos conjuntos em português – aspectos morfo-semânticos dos nomes dos colectivos*. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, No3, São Paulo: FFLCH-Humanitas.
- CORREIA, M. (1999) *A denominação das qualidades – contributos para a compreensão da estrutura do léxico português*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- CUNHA, C. e L. CINTRA (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. Sá da Costa.
- GROSSMANN, M. (1998) *Formazione dei nomi di agente, strumento e luogo in catalano*. In: *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza. II Morfologia e sintassi delle lingue romanze*, Tübingen, Niemeyer, pág. 383-392.
- PAQUANT, M. (1995) *Les noms collectifs d'arbres et de plantes dans le theatre d'agriculture et mesnage des champs d'olivier de serres.1600* In: *Le français préclassique*, No 4, Didier-érudition, Paris.
- PIEL, J. (1940) *A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português*. In: *Boletim de Filologia*, VII, fasc. 1, p. 31-47.
- RIO-TORTO, G. M. (1989) *Para uma teoria da formação de palavras em português: análise dos locativos não-deverbais*. In: *Actas do XIX Congreso Internacional de Linguística e filoloxía románicas*, tomo V, Universidade de Santiago de Compostela.
- RIO-TORTO, G. M. (1991) *Morphologie des adjectifs portugais en -ado*. In: *Lexique*, vol. 10, p.241-267.
- RIO-TORTO, G. M. *Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral*. In: *Diacrítica*, 9, p. 319-342.
- RIO-TORTO, G. M. (1998) *Para uma análise dos locativos não-deverbais*. In: *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*, Porto Editora, Porto, 1998.
- SOLÉ, E. (2002) *Els noms collectius catalans. Descripció i reconeixement*. Tesi doctoral, Institut Universitari de Linguística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra
- TOMASSONE, R. & COMBETTES, B.(1970) *Remarques sur la formation des collectifs de noms d'arbres et de plantes*. In: *Revue de Linguistique Romane*, tome, 34, pág.224-233.

Dicionários

- ALMEIDA COSTA, J. e SAMPAIO E MELO, A. (1998) *Dicionário da Língua Portuguesa (DLP)*, Porto, Porto Editora.
- ANDRADE, Ernesto d' (1993), *Dicionário Inverso do Português*, Lisboa, Edições, Cosmos.

- CASTELEIRO, J. Malaca (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Verbo.
- DICIONÁRIO ELECTRÓNICO DA LÍNGUA PORTUGUESA da Porto Editora e Priberam Informática, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (NDALP), Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (2000) *Novo Aurélio. O Dicionário da Língua Portuguesa, Século XXI*, 3a ed.
- FIGUEIREDO, Cândido (1996) *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Dicionários Bertrand, 25^a ed.
- MORAIS SILVA, A. de, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (GDLP), 12 volumes, Rio de Janeiro, Editorial Confluência.